

MARINA MUELLER

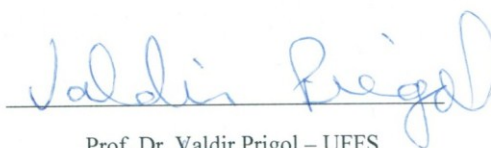
**O ATO INTERPRETATIVO NA CRÔNICA: UMA LEITURA DE *O LIXO* DE  
LUIS FERNANDO VERISSIMO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras  
Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial  
para a aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador: prof. Dr. Valdir Prigol

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:  
13/12/2017

Banca Examinadora



Prof. Dr. Valdir Prigol – UFFS



Prof. Dr. Luciano Melo de Paula – UFFS (Membro interno)



Prof. Me. Rosane Silveira – Unochapecó (Membro externo)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Santo Gabriel Vaccaro – UFFS (Membro Suplente)

UMA LEITURA DE *O LIXO* DE LUIS FERNANDO VERISSIMO<sup>1</sup>Marina Mueller<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo propor uma análise da crônica *O lixo*, de Luis Fernando Verissimo, a partir da imagem da leitura. Primeiramente será analisada a crônica *O lixo*, evidenciando a importância da leitura na construção do sentido do texto. Em seguida serão analisadas outras crônicas do mesmo autor e a historicidade da crônica culminando na proposta de pensar a crônica a partir desta imagem. Alguns dos autores que serão utilizados para o embasamento teórico são Davi Arrigucci Junior (1987), Walter Benjamim (1987), Antônio Candido (2003), Daniel Link (2002) e João Cezar de Castro Rocha (2006, 2015). Este percurso propõe-se a verificar a importância da leitura nas crônicas de Luis Fernando Verissimo e consequentemente da própria crônica, pensando-a através desta imagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Verissimo. Leitura. Crônica. Historicidade. Interpretação.

## 1 Introdução

A crônica, embora efêmera, ou talvez justamente por isso, é considerada um gênero “menor” que traz em si uma carga enorme de informações e é de difícil definição, ora apresentando os problemas sociais e políticos da época nas crônicas de Machado de Assis, ora a singeleza da poesia traçada por Rubem Braga. Em resumo, cada crônica realiza uma leitura das ideias que estão em “destaque” na época e que são compartilhadas por outros textos (visto que as ideias são expressas por esse meio).

A popularidade da crônica se deve, primeiramente, à sua característica de tratar de temas da atualidade de um modo próximo do leitor, que remonta à suas origens. Isso porque quando esse gênero surgiu, era veiculado em jornais e tinha um espaço físico restrito (por isso a necessidade de ser um gênero breve) e, pelo fato de dividir espaço com reportagens, notícias e editoriais, era necessário que sua leitura fosse dinâmica e rápida (o que explica sua linguagem simples e próxima do leitor).

Hoje em dia, além de ser publicada em jornais e revistas, a crônica é compartilhada em blogs e redes sociais, estando assim mais acessível a todas as camadas sociais e tendo a necessidade de acompanhar temas atuais e corriqueiros, levantando problemáticas e desenvolvendo um raciocínio próprio sobre o fato que discorre. A comunicação fácil com o

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador Prof. Dr. Valdir Prigol.

<sup>2</sup> Acadêmica da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó. E-mail: marina.mueller.sc@gmail.com.

leitor, adequando-se a temas do cotidiano em uma espécie de conversa íntima, são o que auxiliam na leitura da crônica: não a leitura do texto em sua linearidade, objetiva e sem questionamentos, mas sim a leitura da subjetividade, do que está nas entrelinhas.

Nesse ponto, retomando as palavras de João Cezar de Castro Rocha: “Qual o método mais eficaz para a leitura de determinado autor? Qual a abordagem mais fecunda para tratar de certa temática?” (ROCHA, 2006, p. 13). Motivados pela leitura das crônicas de Luis Fernando Verissimo, apresentaremos a análise de *O lixo* para mostrar algo que nem sempre é associado à crônica: a leitura.

Essa crônica trata de um encontro casual entre dois vizinhos, ambos solitários e curiosos pelo outro, que iniciam um diálogo sobre o que encontraram no lixo um do outro, sendo esse o elo inicial entre os dois. Através da análise sobre o lixo alheio, os vizinhos tiveram a vontade de se conhecer alimentada cada vez mais pelas pistas com que iam se deparando, indicativas da personalidade e dos hábitos do outro. Dessa forma, a interpretação sobre o lixo permite que um vá construindo uma imagem do outro e, com o encontro casual dos dois indivíduos, cada qual vai sugerindo suas hipóteses e confirmando serem verdadeiras por meio de um artifício muito simples: a conversa.

O que vemos na crônica *O lixo*, portanto, é uma conversa constante com o outro em busca de um desvendamento de hipóteses formuladas anteriormente. Esse ato de leitura do outro é o foco desta pesquisa, que visa identificar e compreender de que forma esse artifício é importante para a construção das crônicas de Luis Fernando Verissimo.

Para a realização deste artigo, procuramos alcançar os seguintes objetivos: como objetivo geral, buscamos analisar a presença da leitura em *O lixo* para pensar a crônica de Luis Fernando Verissimo. Como objetivos específicos, nos empenhamos em a) Verificar como a leitura é importante na constituição da crônica *O lixo* e outras crônicas do autor; b) Reconstruir a historicidade da crônica e da imagem de leitura presente no gênero; e c) Considerar a leitura como uma imagem para pensar a crônica de Luis Fernando Verissimo.

A partir da investigação desses objetivos, faremos um breve percurso que pretende mostrar a historicidade da crônica, dessa forma revelando a importância do contexto e do meio em sua escrita e conteúdo (sempre associado ao cotidiano) tomando como base teóricos como Antônio Candido, João Cezar de Castro Rocha, Davi Arrigucci Junior e Walter Benjamin. Em seguida verificaremos outras crônicas de Luis Fernando Verissimo nas quais a leitura tem força, entrando mais a fundo no tema e inserindo esta imagem como representação da crônica do autor.

## 2 *O lixo*

Vejamos o objeto de análise deste estudo, a crônica *O lixo*:

Encontram-se na área de serviço. Cada um com seu pacote de lixo. É a primeira vez que se falam.

- Bom dia...

- Bom dia.

- A senhora é do 610.

- E o senhor do 612

- É.

- Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente...

- Pois é...

- Desculpe a minha indiscrição, mas tenho visto o seu lixo...

- O meu quê?

- O seu lixo.

- Ah...

- Reparei que nunca é muito. Sua família deve ser pequena...

- Na verdade sou só eu.

- Mmmm. Notei também que o senhor usa muito comida em lata.

- É que eu tenho que fazer minha própria comida. E como não sei cozinhar...

- Entendo.

- A senhora também...

- Me chame de você.

- Você também perdoe a minha indiscrição, mas tenho visto alguns restos de comida em seu lixo. Champignons, coisas assim...

- É que eu gosto muito de cozinhar. Fazer pratos diferentes. Mas, como moro sozinha, às vezes sobra...

- A senhora... Você não tem família?

- Tenho, mas não aqui.

- No Espírito Santo.

- Como é que você sabe?

- Vejo uns envelopes no seu lixo. Do Espírito Santo.

- É. Mamãe escreve todas as semanas.

- Ela é professora?

- Isso é incrível! Como foi que você adivinhou?

- Pela letra no envelope. Achei que era letra de professora.

- O senhor não recebe muitas cartas. A julgar pelo seu lixo.

- Pois é...

- No outro dia tinha um envelope de telegrama amassado.

- É.

- Más notícias?

- Meu pai. Morreu.

- Sinto muito.

- Ele já estava bem velhinho. Lá no Sul. Há tempos não nos víamos.

- Foi por isso que você começou a fumar?

- Como é que você sabe?

- De um dia para o outro começaram a aparecer carteiras de cigarro amassadas no seu lixo.

- É verdade. Mas consegui parar outra vez.

- Eu, graças a Deus, nunca fumei.

- Eu sei. Mas tenho visto uns vidrinhos de comprimido no seu lixo...

- Tranquilizantes. Foi uma fase. Já passou.

- Você brigou com o namorado, certo?

- Isso você também descobriu no lixo?

- Primeiro o buquê de flores, com o cartãozinho, jogado fora. Depois, muito lenço de papel.

- É, chorei bastante, mas já passou.

- Mas hoje ainda tem uns lencinhos...

- É que eu estou com um pouco de coriza.
  - Ah.
  - Vejo muita revista de palavras-cruzadas no seu lixo.
  - É. Sim. Bem. Eu fico muito em casa. Não saio muito. Sabe como é.
  - Namorada?
  - Não.
  - Mas há uns dias tinha uma fotografia de mulher no seu lixo. Até bonitinha.
  - Eu estava limpando umas gavetas. Coisa antiga.
  - Você não rasgou a fotografia. Isso significa que, no fundo, você quer que ela volte.
  - Você já está analisando o meu lixo!
  - Não posso negar que o seu lixo me interessou.
  - Engraçado. Quando examinei o seu lixo, decidi que gostaria de conhecê-la. Acho que foi a poesia.
  - Não! Você viu meus poemas?
  - Vi e gostei muito.
  - Mas são muito ruins!
  - Se você achasse eles ruins mesmo, teria rasgado. Eles só estavam dobrados.
  - Se eu soubesse que você ia ler...
  - Só não fiquei com eles porque, afinal, estaria roubando. Se bem que, não sei: o lixo da pessoa ainda é propriedade dela?
  - Acho que não. Lixo é domínio público.
  - Você tem razão. Através do lixo, o particular se torna público. O que sobra da nossa vida privada se integra com a sobra dos outros. O lixo é comunitário. É a nossa parte mais social. Será isso?
  - Bom, aí você já está indo fundo demais no lixo. Acho que...
  - Ontem, no seu lixo...
  - O quê?
  - Me enganei, ou eram cascas de camarão?
  - Acertou. Comprei uns camarões graúdos e descasquei.
  - Eu adoro camarão.
  - Descasquei, mas ainda não comi. Quem sabe a gente pode...
  - Jantar juntos?
  - É.
  - Não quero dar trabalho.
  - Trabalho nenhum.
  - Vai sujar a sua cozinha.
  - Nada. Num instante se limpa tudo e põe os restos fora.
  - No seu lixo ou no meu?
- (VERISSIMO, 2004, p. 87-90)

A partir do cenário onde dois vizinhos encontram-se por acaso ao sair para levar o lixo, Luis Fernando Verissimo tece a crônica *O Lixo*. A conversa entre a mulher do 610 e o homem do 612 é bem peculiar, para dizer o mínimo: a mulher começa pedindo que ele desculpassem a indiscrição, mas que ela vinha vendo o lixo dele e, visto que nunca era muito, deduziu que a família devia ser pequena, ao que ele responde que vive sozinho.

A partir do lixo, ambos se veem engajados em um jogo de formulação de hipóteses acerca do outro, fundamentadas nas latas de comida descartadas no lixo dele, enquanto no dela havia restos de comida; a partir de envelopes no lixo, ele sabia que a família dela morava no Espírito Santo e que a letra do envelope era de uma professora; com base em um telegrama amassado, ela deduziu que ele havia recebido más notícias e por esse motivo começou a fumar (e também pelas carteiras de cigarro encontradas em meio aos detritos); fundamentado em

vidros de comprimido descartados, ele percebeu que ela não estava muito bem e que o motivo certamente era a briga com o namorado, pois havia um buquê de flores ainda com o cartãozinho, acompanhado de lenços de papel; as revistas de palavras-cruzadas jogadas fora eram indicativos de que ele não saía muito e precisava do passatempo, e a fotografia intacta de uma mulher, seguida pela sugestão de que a falta de rasgos indicava que ele ainda tinha sentimentos por ela, levou a uma reação um tanto tardia da parte dele: “Você já está analisando o meu lixo!” (VERISSIMO, 2004, p. 89).

Da mesma forma que os vizinhos sentiam a necessidade de analisar o outro, também nos vem este desejo de interpretação e assim, em outras palavras, mostrar esse gesto da crônica ao iniciar uma análise de *O lixo*, que pretende ser detalhada sem ser exaustiva. Podemos perceber que se trata de uma situação normal (duas pessoas que querem se conhecer e usam o que está ao seu alcance para saber mais sobre o outro), sendo comum o modo como eles se encontram pela primeira vez, bem como o objeto de análise das suposições feitas um sobre o outro (o lixo). Tendo isso em mente, podemos dizer que Verissimo utilizou o lixo como pretexto para falar da personalidade dos dois vizinhos, associando-o a características pessoais, hábitos e acontecimentos da vida deles.

Com base nesses fatos, podemos perceber também que a leitura de qualquer texto não pode ser feita de modo isolado. Ou seja, há uma relação direta entre as partes do texto, que se complementam entre si. Como exemplo, notemos a última frase da crônica analisada: “- No seu lixo ou no meu?” (VERISSIMO, 2004, p. 90). Em qualquer outra conversa, essa frase não faria sentido, parecendo uma pergunta desnecessária. Porém nesta, em particular, o lixo encerra o que ele próprio começou, afinal o interesse dos vizinhos um pelo outro surgiu a partir de vestígios da personalidade do outro, encontrados no lixo.

Podemos dizer também que um texto tem várias possibilidades de leitura, pois leva em consideração o que está dito (o texto em sua linearidade), o conhecimento de mundo do leitor, a maior ou menor abertura deste para com o texto, entre incontáveis outros fatores. Uma leitura possível é acerca do objeto de análise desta crônica, que é composta por um discurso que valoriza o lixo, utilizando ele como base para compreender melhor quem é o outro e quais são seus hábitos. Isso significa que nela o lixo ganha visibilidade, sendo promovido no decorrer do texto o interesse por ele e sendo estabelecidas relações profundas entre esses detritos e os costumes das pessoas.

É interessante ver a analogia que existe entre o lixo e a própria crônica: ambos são considerados “menores”, sendo a crônica o “detrito” de uma população letrada para quem os

clássicos da literatura universal são postos em um pedestal enquanto esse gênero menor é relegado ao esquecimento e à pouca exploração de seu potencial.

A crônica, segundo Antonio Candido (2003):

[...] Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.

Podemos notar que o tom leve e despretensioso, a proximidade com temas atuais e a linguagem utilizada pelo autor são o que conferem a esse gênero “menor” a beleza que apenas as pequenas coisas são capazes de prover. Não é difícil notar, portanto, a importância da leitura para uma absorção maior do conteúdo e da relevância do texto, sendo uma espécie de conversa entre autor e leitor, sempre na busca por uma aproximação um com o outro. Isso acontece devido à própria qualidade de crônica, pois esse gênero é marcado pela simplicidade tanto do tema quanto da linguagem, movendo-se entremeio a temas cotidianos e de fácil identificação por parte de quem o lê.

Nesta crônica há a presença de um narrador que introduz tanto os personagens quanto o espaço onde eles se localizam, como que montando um cenário. O espaço onde a história se desenrola é descrito brevemente e de forma superficial, porquanto não tem uma relação direta com o desdobramento dos diálogos. A única coisa que se sabe a respeito do local é que se trata de uma área de serviço e que os personagens seguram cada um seu pacote de lixo.

Outro recurso empregado por Luis Fernando Verissimo em *O lixo* é o uso frequente de oposições e opostos para a formulação das hipóteses que vão surgindo, como é possível perceber desde o início da conversa entre os vizinhos: enquanto um come muita comida enlatada, o outro cozinha bastante; enquanto um recebe várias cartas, o outro não costuma receber cartas; enquanto um tinha o vício de fumar, o outro tomava tranquilizantes. Através dessas constatações, pode-se perceber que esse texto vai sendo construído a partir das oposições e das semelhanças e, se analisado mais a fundo, é perceptível o quanto cada um dos personagens complementa o outro, como se o que falta em um, o outro tem.

Notadas as oposições que constituem o texto, percebemos também que a linguagem muitas vezes é utilizada no sentido metafórico, o que pode ser verificado no seguinte trecho: “[...] Através do lixo, o particular se torna público. O que sobra da nossa vida privada se integra com a sobra dos outros. O lixo é comunitário. É a nossa parte mais social. [...]” (VERISSIMO, 2004, p. 90). Aqui o lixo é metaforizado como um modo de representação da nossa

personalidade. Ao dizer, então, que ele é comunitário e a nossa parte mais social, o que está sendo sugerido é que o lixo representa um modo de leitura de nossa vida, exposta nos detritos como um livro aberto que apenas espera ser lido, que é o que ocorre nessa crônica.

Um leitor atento perceberá, também, que a conversa que ocorre entre os dois vizinhos é marcada pelo uso de travessões e uso do discurso direto, que dão o sentido de veracidade ao que é dito. A conversa entre os personagens é uma constante que propõe análises e leituras um do outro, confirmadas pelas evidências coletadas no lixo. Ao final, os dois percebem pelas suposições feitas a partir do lixo que cada qual tem incompletudes que, unidas, poderiam se completar. Portanto a interpretação que cada qual faz a respeito do outro consolida as relações humanas e aprofunda-as.

Expressões como “desculpe a minha indiscrição”, “reparei”, “deve ser”, “notei também”, “perdoe a minha indiscrição”, “a julgar”, “analizando”, “acho que” revelam o caráter analítico das suposições feitas, corroboradas pelos detritos encontrados no lixo e confirmadas pela palavra do outro. Essas palavras representam para além do que dizem, uma leitura do outro a partir do objeto de análise, o lixo.

Ademais, o diálogo que é travado entre os personagens é sobre algo tão pequeno, tão pouco notado, que tem seu significado ampliado enormemente a partir do olhar do outro. Quando o homem deduziu que a vizinha tinha família do Espírito Santo a partir de envelopes que viu no lixo dela, esses envelopes já estavam descartados, fora de uso e passaram a significar para o seu leitor como um indício da personalidade da receptora da carta. Isso ocorre principalmente porque ambos os personagens estão abertos para uma leitura do lixo e, para além disso, uma leitura do outro.

Da mesma forma que a leitura figura como central nessa crônica, também ocorre o mesmo em outras obras do autor. A linguagem simples e despretensiosa faz uma aproximação com o leitor, dialogando com ele, questionando-o e convidando-o a olhar a simplicidade do dia a dia, a beleza existente nos objetos e nos seres que normalmente passam despercebidos na sociedade atribulada e voltada para o consumismo desacelerado, que descarta tudo o que pode ser substituído por algo melhor.

Luis Fernando Verissimo tem uma forma específica de refletir sobre a experiência humana, sendo essa uma de suas maiores contribuições à literatura brasileira. Ele estimula primeiramente uma reação muito próxima do humor, trazendo uma inquietude logo que a primeira se esvai, o que faz com que suas crônicas sejam ainda mais instigantes. A respeito do estilo do autor, João Cezar de Castro Rocha (2015) diz:



Nas crônicas, contudo, os traços mais marcantes de seu estilo são combinados à perfeição. De um lado, o diálogo ágil, sempre surpreendente pela inteligência cortante das formulações. De outro, uma inversão desconcertante das expectativas, transformando o dia a dia num teatro do inesperado. Por fim, a sutileza linguística, expressa numa ironia suave, que muitas vezes revela a empatia do autor com os personagens ou com as situações alvejados pelo seu olhar de caricaturista. [...]

As diversas possibilidades de leitura, são, dessa forma, alguns dos principais causadores da inquietude que segue o humor. A escrita de Verissimo é impecável e singela a ponto de tocar o leitor e aproximá-lo da história que está sendo narrada, com um toque de sensibilidade que não poderia deixar de ser notado como uma conversa íntima, que promove interpretações acerca de pequenos episódios do dia a dia.

Outra crônica de Luis Fernando Verissimo que chamou nossa atenção em relação à leitura, tanto por sua escrita quanto pela temática, foi *Versões*. Escrita em duas breves páginas, essa crônica tem uma subjetividade que nos remete a refletir sobre a própria vida e suas várias possibilidades. A seguir, a crônica na íntegra:

Vivemos cercados pelas nossas alternativas, pelo que poderíamos ter sido. Ah, se apenas tivéssemos acertado aquele número (unzinho e eu ganhava a sena acumulada), topado aquele emprego, completado aquele curso, chegado antes, chegado depois, dito sim, dito não, ido pra Londrina, casado com a Doralice, feito aquele teste... Agora mesmo neste bar imaginário em que estou bebendo pra esquecer o que não fiz – aliás, o nome do bar é Imaginário – sentou um cara do meu lado direito e se apresentou:

– Eu sou você, se tivesse feito aquele teste no botafogo.

E ele tem mesmo a minha idade e a minha cara. E o mesmo desconsolo.

– Por quê? Sua vida não foi melhor do que a minha?

– Durante um certo tempo, foi. Cheguei a titular. Cheguei à seleção. Fiz um grande contrato. Levava uma grande vida. Até que um dia...

– Eu sei, eu sei... – disse alguém sentado ao lado dele.

Olhamos para o intrometido... Tinha a nossa idade e a nossa cara e não parecia mais feliz do que nós. Ele continuou:

– Você hesitou entre sair e não sair do gol. Não saiu, levou o único gol do jogo, caiu em desgraça, largou o futebol e foi ser um medíocre propagandista.

– Como é que você sabe?

– Eu sou você, se tivesse saído do gol. Não só peguei a bola como me mandei para o ataque com tanta perfeição que fizemos o gol da vitória. Fui considerado o herói do jogo. No jogo seguinte, hesitei entre me atirar nos pés de um atacante e não me atirar. Como era um herói, me atirei... Levei um chute na cabeça. Não pude fazer mais nada, Nem propagandista. Ganho uma miséria do INSS e só faço isto: bebo e me queixo da vida. Se não tivesse ido nos pés do atacante...

– Ele chutaria pra fora.

Quem falou foi o outro sócia nosso, ao lado dele, que em seguida se apresentou.

– Eu sou você se não tivesse ido naquela bola. Não faria diferença. Não seria gol. Minha carreira continuou. Fiquei cada vez mais famoso, e agora com fama de sortudo também. Fui vendido para o futebol europeu, por uma fábula. O primeiro goleiro brasileiro a ir jogar na Europa. Embarquei com festa no Rio...

– E o que aconteceu? – perguntamos os três em uníssono.

– Lembra aquele avião da Varig que caiu na chegada em Paris?

– Você...

– Morri com 28 anos.

Bem que tínhamos notado sua palidez.

– Pensando bem, foi melhor não fazer aquele teste no Botafogo...  
 – E ter levado o chute na cabeça...  
 – Foi melhor – continuou – ter ido fazer o concurso para o serviço público naquele dia. Ah, se eu tivesse passado...  
 – Você deve estar brincando.  
 Disse alguém a minha esquerda. Tinha a minha cara, mas parecia mais velho e desanimado.  
 – Quem é você?  
 – Eu sou você, se tivesse entrado para o serviço público.  
 Vi que todas as banquetas do bar à esquerda dele estavam ocupadas por versões de mim no serviço público, uma mais desiludida que a outra. As consequências de anos de decisões erradas, alianças fracassadas, pequenas traições, promoções negadas e frustrações. Olhei em volta. Eu lotava o bar. Todas as mesas estavam ocupadas por minhas alternativas e nenhuma parecia estar contente. Comentei com o barman que, no fim, quem estava com o melhor aspecto, ali, era eu mesmo. O barman fez que sim com a cabeça, tristemente. Só então notei que ele também tinha a minha cara, só com mais rugas.  
 – Quem é você? – perguntei.  
 – Eu sou você, se tivesse casado com a Doralice.  
 – E...?  
 Ele não respondeu. Só fez um sinal, com o dedão virado pra baixo.  
 (VERISSIMO, 2011, p. 9-12)

Primeiramente, pode-se perceber que o tema é uma conversa entre versões de uma mesma pessoa. O uso de travessões e discurso direto indica o diálogo que o personagem promove consigo mesmo na busca por uma completude de sua vida. Ele pensa, inicialmente, que sua vida teria sido melhor se tivesse tomado decisões diferentes em diversos momentos da vida e está bebendo como uma espécie de consolo para sua suposta falta de sorte, considerando que cada decisão errada que tomou na vida somou para o sentimento de desolação que está enfrentando no momento.

Surge então um interlocutor que contesta o desânimo do personagem dizendo que ele é a sua versão se tivesse feito o teste para entrar no time do Botafogo. Após contar sua versão da história, outra surge, e outra, e outra... Até que se percebe que o bar inteiro está lotado de versões da vida do personagem, das quais a sua ainda parece ser a mais contente.

Uma constatação que pode ser feita a respeito dessa crônica é que essas conversas entre o personagem e suas versões é fruto de sua imaginação. Afinal, no início de suas divagações ele confessa estar em um bar e esse local ser imaginário. Ora, como se sabe, a bebida pode levar as pessoas a pensarem de forma irracional, ou mesmo projetar sentimentos e devaneios.

Essa asseveração quanto à veracidade dos acontecimentos que se sucedem no bar foram planteadas pelo autor de um modo bem sutil, na própria linearidade do texto. A escrita, dessa forma, revela uma conversa com o leitor no sentido de esclarecer que a situação é imaginária e que a naturalidade com que o personagem vê outras versões de si mesmo e dialoga com elas é explicada porque trata-se de uma fantasia.

Em linhas gerais, o que ocorre nessa crônica é uma leitura de vida em que o personagem procura ver que caminhos poderia ter seguido e conjecturando inúmeras hipóteses quanto a esse suposto momento marcante que determinou o curso de sua vida para levá-lo ao momento atual. Concomitantemente, o autor dialoga com o leitor ao escrever sobre um assunto tão corrente e atual como o questionamento sobre a vida. Além do tema, o estilo do autor e seu modo de escrita também facilitam para essa aproximação com o leitor, que se vê enredado não somente na história do personagem, mas que se vê nela como ator principal.

Outra crônica que induz a pensarmos sobre a vida e nossa existência é *O filósofo e seu cachorro*, que leremos a seguir:

O filósofo costumava falar com seu cachorro. Os dois estavam chegando ao fim da vida ao mesmo tempo e a idade os aproximara ainda mais. O filósofo não podia mais ler ou escrever, falar com o cachorro era a única maneira de desfiar seus pensamentos, pois sua mente continuava ativa. A família do filósofo não tinha muita paciência para ouvir suas divagações enquanto o velho cachorro não tinha mais nada para fazer a não ser ficar deitado aos pés de seu dono enquanto ele falava, falava, falava. O filósofo sabia que o cachorro provavelmente dormia ao som de sua voz, mas não se importava. Pelo menos sua voz tinha um destino, dois ouvidos leais ao invés de se perder no espaço vazio da biblioteca.

Mas um dia aconteceu o seguinte: o cachorro respondeu. O filósofo tinha dito:

-Pensado bem, a morte é uma dádiva.

E o cachorro:

-Desenvolve.

O filósofo olhou em volta. Quem dissera aquilo? Perguntou para o espaço vazio:

-O que?

-"A morte é uma dádiva." Desenvolve a tese.

Não havia dúvida, quem estava falando era o cachorro. O filósofo hesitou, limpou a garganta, depois disse:

-Bem, não é exatamente uma tese. É mais um consolo.

-Como assim? O cachorro falava sem abrir os olhos.

-Você já pensou - disse o filósofo - se nós vivêssemos para sempre? Estaríamos obrigados a entender o Universo. As razões da existência, o sentido da vida, essas coisas. Como são coisas incompreensíveis, viveríamos com a permanente consciência da nossa incapacidade, da nossa insuficiência mental. Do nosso fracasso. Seria uma angústia eterna.

-E a morte é melhor do que isso?

-A morte nos exime. Somos visitantes do Universo. Suas grandes questões não nos dizem respeito, pois estamos aqui só de passagem. A finitude é a nossa desculpa para não precisar entender. A dádiva da morte é nos tornar iguais a vocês.

-Nós quem?

-Os bichos. Vocês tem cosmogonias? Especulações metafísicas? Algum tipo de inquietação existencial?

-Eu, não. Não posso falar pelos outros. Mas vem cá...

-O que?

-Não é justamente o fato de vocês serem mortais, finitos e passageiros que dá origem a todas as cosmogonias, a toda metafísica? A morte não é mãe da filosofia?

-A recusa da morte é a mãe da filosofia. A ideia de deixar de existir é profundamente repugnante para o nosso amor próprio. Aceitando a morte como um consolo, como um alibi, eu também estou me livrando dessa absurda pretensão do meu ego que é a de que eu não posso simplesmente acabar. Logo eu, de quem eu gosto tanto. Por isso se inventam religiões mil, e mil e uma maneiras da vida continuar, nem que se volte como um cachorro.

-Epa.  
 -Foi só um exemplo. Mas eu renuncio à filosofia, renuncio de toda especulação sobre o mistério de ser, e aceito o meu fim. Estou pronto a pensar no Universo e na morte como um bicho.  
 -Mas eu nunca penso no Universo ou na morte.  
 -Exatamente. Porque você não sabe que vai morrer.  
 -Fiquei sabendo agora. Obrigado, viu?  
 -É isso que eu quero. Essa sábia ignorância, essa burrice caridosa... Podemos até trocar de lugar, se você concordar. Lhe dou todas as minhas especulações minhas teses, meu ego e minha angústia, em troca da sua paz.  
 -Acho que sua família não aprovaria. E não sei se eu ficaria bem de cardigã.  
 Nisso a neta do filósofo entrou na biblioteca e tentou acordá-lo, sacudindo-o e dizendo "Vô, vô, o lanche", mas não conseguiu, e foi correndo chamar a mãe.  
 O cachorro também continuou com os olhos fechados.  
 (VERISSIMO, 2011, p. 81-85)

Nesta belíssima crônica, o personagem principal conversa com seu cachorro sobre questões existenciais e, mesmo não acreditando que o cachorro o compreenda, consola-se com a ideia de ter um ouvinte. O que o filósofo pensa sobre conversar com o cachorro, a nosso ver, pode ser remetido ao próprio ato de conversar – seja com pessoas, animais, seres inanimados, através da escrita, da fala ou de qualquer tipo de expressão: quando falamos, escrevemos, esculpimos uma obra ou desenhamos, não sabemos se seremos “ouvidos”, se aquela fala ou obra terá aceitação de nosso interlocutor ou até mesmo se teremos uma resposta. Isso não nos impossibilita, no entanto, de nos expressarmos e semearmos uma dúvida ou inquietação no outro, o que não impede, portanto, que busquemos uma aproximação com um ouvinte ideal, cujas dúvidas queremos sanar por antecipação à sua leitura (ou promover algumas dúvidas, como um convite à participação dele).

Outras crônicas de Verissimo que podem ser citadas como abertas para a interpretação do leitor são *Ed Mort e o anjo barroco* e *O analista de Bagé*, pois elas apresentam uma situação-problema, uma reflexão e ação no sentido de solucionar o problema e em seguida o desfecho, sem que seja especificado quais são as conclusões a que se chega. Fica a serviço do leitor então a leitura e o desenvolvimento de uma interpretação que dê conta de solucionar as lacunas deixadas propositalmente pelo texto.

Tudo o que vem sendo discutido até o momento vem no sentido de esclarecer que os textos de Verissimo possuem uma profundidade que induz a diferentes interpretações e possibilidades de leitura. Corroborando com o conceito de Daniel Link (2002) sobre leitura e interpretação, podemos dizer que quando o foco da leitura está sobre o sujeito, o que ocorre é uma interpretação; enquanto o que surge da relação entre sujeito e objeto é a leitura.

Dessa forma, a leitura se configura como algo que vai além da própria interpretação. Ela nasce sempre da relação de um sujeito com o outro, como é possível verificar na crônica *O lixo*.

A conversa entre os personagens nada mais é do que a própria estrutura como leitura porque envolve a relação, o levantamento de hipóteses e a tentativa de confirmar ou refutar sua veracidade.

Na crônica *Versões*, o movimento é o mesmo: há uma conversa constante entre eu e tu, porém a diferença é que ambos representam a mesma pessoa, suas possibilidades de personalidade e percurso de vida. Já em *O filósofo e seu cachorro*, a conversa ocorre entre um homem e um animal, o que mostra uma nova possibilidade de leitura.

Ou seja, nas três crônicas de Verissimo apresentadas e discutidas aqui, a conversa aparece de três formas diferentes e se configura como fundamental meio de interpretação e leitura do outro. Isso só é possível porque existe uma relação entre os sujeitos, que são capazes de desenvolver uma leitura sobre algo a partir de um pensamento surgido aparentemente "do nada" (como é o caso de *Versões* e *O filósofo e seu cachorro*) e a partir de evidências ainda não confirmadas (que é a base das três crônicas).

Um autor que foi capaz de explorar de modo esplendoroso o uso da leitura como divisor de suas "fases" foi Machado de Assis, pois os escritos de sua primeira fase (romântica) nitidamente atam o desfecho ao título, "[...] possibilitando ao leitor a sensação de uma conclusão razoavelmente unívoca." (ROCHA, 2006, p. 24). É o que ocorre, por exemplo, nas obras de *Ressurreição*, *Iaiá Garcia*, *Helena* e *A mão e a luva*. Já os textos da segunda fase (realista) abarcam o oposto: "[...] o ato interpretativo transforma-se num quebra-cabeça cuja solução nunca se encontra – na verdade, a chave do texto é que não se dispõe da última peça do quebra-cabeça. [...]" (ROCHA, 2006, p. 26), bem exemplificado nas obras *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*.

Essas marcas são apontadas por João Cezar de Castro Rocha (2006) em pequenos fragmentos que representam o final de cada romance, que segundo ele são apenas alguns dos exemplos que podem ser citados. Esse tipo de estudo é promovido sobretudo com base na interpretação, verificando as possibilidades de leitura que o texto propõe e promovendo o levantamento de argumentos em favor dessa hipótese.

Sendo que a leitura realizada por João Cézar de Castro Rocha (2006), que teve como base os textos machadianos, foi capaz de traçar algo tão importante como o modo de escrita de um dos maiores autores brasileiros – sabendo que os textos são longos e contam histórias complexas com inúmeros personagens em cada qual – o que podemos esperar de uma leitura das crônicas de Luis Fernando Verissimo? Acreditamos que estes textos são propulsores de interessantes análises, que vão bem além das apresentadas aqui, e cabe a cada um de nós, como leitores ativos de literatura e leitores de intenções do outro, buscar essas alternativas de

interpretação e refletir sobre elas, compartilhando nossas experiências literárias sempre que possível.

Cabe lembrar que o estudo das crônicas desse autor são o ponto de partida desse estudo, mas que a leitura não se apresenta apenas nelas. Inclusive o próprio gênero é uma leitura da sociedade, de seus problemas, da atualidade e do outro.

### 3 A crônica

A crônica é um gênero textual que, segundo Antonio Candido (2003), não representa um gênero maior. A aproximação com o cotidiano, acrescida da composição mais livre e leve, dão a ela um ar de despreensão que a torna profunda. Por meio de um fato pequeno e corriqueiro, esse gênero é capaz de adentrar em questões importantes que passam despercebidas no dia a dia, sugerindo um novo olhar sobre o tema que se propõe estudar.

O caráter despreensioso do gênero provavelmente remonta à sua origem, quando era publicada em jornais e seu espetáculo durava um único dia, sendo substituída por outra crônica no jornal do dia seguinte. Com o passar do tempo a crônica sofreu muitas alterações, posto que agora, além de ser veiculada em jornais e na internet, tem um maior reconhecimento da sociedade ganhando o status de gênero literário. Segundo Davi Arrigucci Junior (1987), pode-se dizer que nos seus primórdios ela era um aprendizado de matéria literária, devido a sua facilidade em mudar de temática e permanecer na simplicidade do cotidiano.

Apesar de simples, a crônica é complexa e, portanto, de difícil definição. Variando entre a forma do tempo e da memória, ela é “um registro da vida escoada” nas palavras de Arrigucci Jr (1987, p. 51), tratando-se de um relato que reflete o momento, o tempo que não volta. Nos seus primórdios, esse gênero relatava a própria História, diferenciando-se dos mitos pela fidelidade aos homens e seus feitos, envolvendo tantos e tão variados temas que não é exagero dizer que o cronista é narrador da própria História, precedendo os historiadores e diferindo-se destes pelo caráter imparcial das narrativas.

Como o tema principal desse gênero é o cotidiano, uma heterogeneidade de tópicos o compõe. Machado de Assis, por exemplo, demonstrava grande interesse pelas questões políticas e sociais da sua época, revelando uma forte ligação entre o útil e o fútil. Suas crônicas, apesar de escritas em outra época, possuem uma certa atemporalidade que a arte da “desconversa” consegue incutir:

Quem lê as crônicas machadianas de *Histórias de quinze dias* até as de *A Semana*, nas duas últimas décadas do século passado, não pode deixar de espantar-se ainda hoje com aquela arte da desconversa: refinada, alusiva, muitas vezes maldosa e sempre

irresistível. Ninguém escapará a tanta movimentação e humor, mesmo depois de todos esses anos do desaparecimento dos fatos que motivaram aquelas páginas extraordinárias. (ARRIGUCCI JR, 1987, p. 59)

Já Rubem Braga tinha como característica principal a aproximação com a poesia, “uma relação do Eu com o mundo, um modo de expressão pessoal e um meio de apreender e exprimir certos valores” (ARRIGUCCI JR, 1987, p. 64), o que lhe permitia maior liberdade para expressar-se e expressar o mundo, mostrando a partir de contrastes a modernidade em oposição à simplicidade, como em sua famosa crônica *A borboleta amarela* (1955).

A apreciação da crônica, segundo Candido (2003), é resultado de uma busca pela oralidade na escrita, o que a torna tão familiar. Além disso, o ar despreocupado com que aborda os temas não impede que ela explore a fundo as ações e emoções humanas, bem como elabore profundas críticas sociais. A simplicidade, brevidade e graça são próprias desse gênero.

Ao escrever que “a crônica se situa bem perto do chão, no cotidiano da cidade moderna” (ARRIGUCCI JR, 1987, p. 55), é fácil perceber a associação dela com o pequeno, o simples que adquire grandiosidade, seja ele um fato, um objeto ou uma pessoa, como vemos nas crônicas de Luis Fernando Verissimo apresentadas, nas quais o lixo e a reflexão sobre a vida são o ponto de partida para uma leitura do cotidiano. Desse modo, ora ela apresenta aspectos de uma poesia, ora de um conto, uma confissão ou narrativa satírica. Em outros momentos, ela é simplesmente a crônica: um gênero entre os gêneros, sem limites para a objetividade e subjetividade.

No Brasil ela se adaptou de forma esplendorosa, alcançando o título de gênero literário e consagrando autores, sendo “[...] ela própria um fato moderno” (ARRIGUCCI JR, 1987, p. 53), acompanhando a modernidade e libertando-se do jugo dos jornais ao constituir um gênero literário próprio e muito bem guarnecido:

[...] ela adquire assim, entre nós, a espessura de texto literário, tornando-se, pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história. Então, a uma só vez, ela parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana e histórica, impresso na massa passageira dos fatos esfarelado-se na direção do passado. (ARRIGUCCI JR, 1987, p. 53)

Além da facilidade em discorrer sobre os mais variados temas, a crônica é atemporal porque conversa com o leitor, tonando-se íntima dele, no seu tempo de leitura. Ela pode divagar sobre uma poesia, nas palavras de Rubem Braga, e ser lida anos depois sem que sua essência seja perdida, fazendo total sentido para nós atualmente. Esse modo de pensar a crônica já está



em Walter Benjamim (1987), para quem nada do que já ocorreu se perde na história: “O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.” (BENJAMIM, 1987). Assim, talvez um fato já ocorrido não represente o mesmo que representou naquela época, ficando apenas uma reminiscência, um lampejo do que pode ter sido, mas, ainda assim, sendo dotado de significado.

Vemos esse processo de releitura acontecer nas crônicas de Luis Fernando Verissimo, por exemplo, quando entram em foco notícias ou acontecimentos que remetem diretamente ao objeto de análise da crônica. A cada nova leitura que fazemos, nos deparamos com novos elementos que ainda não havíamos percebido ou para os quais simplesmente não havíamos dado muita atenção. Isso permite que estes textos sejam lidos no presente com um olhar novo.

Um exemplo de leitura atemporal é representado na poesia *Conversa com duas estranhas*, de Ricardo Domeneck. Apesar de ser um poema, suas características são muito próximas da crônica ao tratar de um tema aparentemente “menor” e torná-lo grande com a análise e a leitura que é desenvolvida sobre o livro de Clarice Lispector, cenário da conversa entre duas estranhas, como podemos verificar no trecho que segue:

prestes  
a deixar o país retirei  
na Biblioteca Municipal  
de Munique Alemanha o  
livro “Perto do Coração  
Selvagem” de Clarice  
Lispector numa edição  
brasileira de 1984 o  
livro em português em  
que encontrei pequenas  
anotações a lápis nos  
cantos de algumas  
páginas anotações  
em alemão numa  
caligrafia feminina  
delicada  
algumas são apenas traduções  
para o alemão de palavras  
que ela não entendia como  
à página 34 no  
alto em que ela não  
entendeu a palavra “vergada”  
e anotou  
sua tradução para  
o alemão  
alguns pontos de interrogação  
períodos inteiros vários “É ISTO!”  
e “É  
ISTO!” outra “ELA ENTENDEU!”  
(DOMENECK, 2005)



Como é possível notar, o poema relata o encontro entre duas pessoas de uma forma peculiar, pois a leitora não teve contato direto com a autora, dialogando única e exclusivamente com os fragmentos da escritura de Clarice Lispector que compuseram o texto. A suposta conversa entre as duas estranhas, portanto, ocorreu de uma forma não usual e não simultânea, abrindo espaço para o leitor do poema imaginar como foi a leitura da interlocutora.

Além disso, retomando os conceitos de Walter Benjamin (1987), podemos apenas fazer suposições quanto ao tempo em que a leitora de Lispector leu a obra, pois essa informação não é dada no poema. Apesar da falta de datas e maiores informações, podemos inferir que o texto de Lispector, escrito numa edição de 1984, dialogou de alguma forma com a leitora, tendo significado para ela mesmo que não tenha sido lido na mesma época em que foi escrito. O importante é pensar que a leitura pode ser vista aqui como uma renovação do texto da Clarice, uma continuação da sua vida no presente.

Esse movimento de releitura em diferentes épocas é quase que intrínseco ao gênero da crônica, visto que a linguagem em tom de conversa suscita no leitor o sentimento de sentir-se envolvido e ativo na interpretação da crônica.

#### **4 A crônica e a leitura**

Dado que a crônica é um gênero considerado leve, no qual o escritor aproxima a linguagem e os fatos do leitor como se fosse uma conversa íntima e envolvente, este artigo propõe, a partir da leitura da crônica de Luis Fernando Verissimo, mostrar um outro aspecto desse gênero. Ao dar visibilidade para algo menor, pequeno e marginal, a crônica faz uma interpretação que exige mais que a mera codificação, pois envolve diferentes saberes do leitor, o levantamento de hipóteses (sejam elas validadas ou não), o preenchimento de lacunas e a participação ativa na construção de sentido. A crônica, portanto, é um espaço de interação entre autor e leitor em busca do desvendamento da linguagem através das diferentes possibilidades de leitura.

Nas crônicas de Luis Fernando Verissimo, a leitura pode ser identificada como o que remete a diferentes modos de pensar uma mesma cena. O autor escreve de modo a deixar sempre este espaço para o leitor, representado pelas lacunas e perguntas sem respostas. Esse recurso é uma espécie de convite a uma participação mais ativa, unindo crônica e leitor no sentido de levantar hipóteses e buscar no texto os argumentos necessários para comprová-las ou refutá-las.

Um exemplo dessa lacuna é visto no seguinte trecho de *O lixo*: “- Você também perdoe a minha indiscrição, mas tenho visto alguns restos de comida em seu lixo. Champignons, coisas assim...” (VERISSIMO, 2004, p. 88). Através dessa frase, não está sendo afirmado nada, sendo meramente um comentário do que foi visto. No entanto, quando o vizinho coloca dessa forma, sua fala sugere uma pergunta, que espera ser respondida. O uso das reticências é bem característico dessa incompletude, que busca um preenchimento da lacuna, e é um recurso bastante utilizado nesta crônica.

O fato de ambos os vizinhos deixarem claro também a situação amorosa em que estão é um indicativo de que estão abertos para um relacionamento:

- Você brigou com o namorado, certo?
- Isso você também descobriu no lixo?
- Primeiro o buquê de flores, com o cartãozinho, jogado fora. Depois, muito lenço de papel.
- É, chorei bastante, mas já passou.
- (VERISSIMO, 2004, p.89)
- Namorada?
- Não.
- Mas há uns dias tinha uma fotografia de mulher no seu lixo. Até bonitinha.
- Eu estava limpando umas gavetas. Coisa antiga.
- Você não rasgou a fotografia. Isso significa que, no fundo, você quer que ela volte.
- (VERISSIMO, 2004, p.89)

Pode-se perceber, levando em consideração toda a conversa entre os vizinhos, que o encontro entre eles é uma espécie de “confissão de solidão”, situação que pode mudar contanto que ambos se abram para um relacionamento. Podemos notar sobretudo que há uma necessidade de esclarecer que ambos estão livres e desimpedidos, o que facilita para que seja construído este relacionamento entre os dois, seja de amizade ou de amor. O leitor, portanto, tem papel ativo na construção do sentido das suposições, pois o autor deixou sinais claros das intenções dos personagens.

Na crônica *Versões*, podemos ver o movimento de abertura para o leitor no seguinte trecho:

- [...] Comentei com o barman que, no fim, quem estava com o melhor aspecto, ali, era eu mesmo. O barman fez que sim com a cabeça, tristemente. Só então notei que ele também tinha a minha cara, só com mais rugas.
- Quem é você? – perguntei.
- Eu sou você, se tivesse casado com a Doralice.
- E...?
- Ele não respondeu. Só fez um sinal, com o dedão virado pra baixo.
- (VERISSIMO, 2011, p.12)

Após várias hipóteses sobre como teria sido sua vida se tivesse sido jogador de futebol e servidor público, notando que em nenhuma havia obtido a realização pessoal e profissional que buscava, o personagem se depara com a sua versão se tivesse casado com uma determinada mulher. A resposta, no entanto, é um único gesto. Um gesto universal, não há dúvida, mas ainda assim um gesto. Fica a cargo do leitor a leitura desse gesto, que simboliza algo negativo, mas não especifica o quê de negativo aconteceu.

No percurso da crônica ao longo dos séculos também há sempre a presença do leitor que age sobre ela e é influenciado e influenciador de sua escrita. Não é por acaso que a crônica nasceu nos jornais (destinada a um público mais restrito, pois nem todos tinham acesso a esse meio de comunicação) e hoje está disponível para um público bem maior, tendo críticas e análises disponíveis em vários blogs, jornais e revistas eletrônicos. Essa expansão só foi possível porque o gênero sempre teve uma proximidade (tanto em questão de linguagem quanto de proximidade) com o leitor, adequando-se a temas do cotidiano e conversando com o leitor por meio de diálogos dentro (entre os personagens) e fora da crônica (entre autor e leitor).

Tudo isto só é possível devido à característica primeira da crônica de ter uma linguagem fluida, usando um tema considerado menor, geralmente do cotidiano, e discutindo acerca dele, fazendo uma leitura diferente. Essas marcas características da crônica fazem parte da leitura de cada cronista, que leem fatos e objetos de um modo diferente do usual, como se colocassem em perspectiva as peculiaridades da vida que não costumam ter a atenção das pessoas.

Dessa forma, quando se fala do lixo como algo “social e comunitário” e “a nossa sobra que se integra à dos outros”, estamos vendo-o sob outra ótica, sob a leitura que o cronista fez dele. Esse mesmo movimento é feito todos os dias por nós, em nossas conversas com o outro e em interações de todos os tipos (escritas, orais, visuais, sensoriais) pois sempre estamos tentando ler e interpretar o outro a partir de sua linguagem e atitudes. A conversa, portanto, como meio mais simples e acessível de levantamento de hipóteses e de leituras da vida e do outro, é uma pequena crônica ainda não sistematizada, realizada por meio da interação.

Essa característica da linguagem é primordial para entendermos de que forma a leitura é importante para o estudo da crônica, pois ela ocorre o tempo todo e não paramos para refletir sobre sua influência em nossas vidas. A partir do momento que nos inteiramos de sua presença e passamos a refletir sobre suas utilidades, nosso discurso ganha força e nossa leitura (seja de obras, de atitudes, de pessoas, etc.) aumenta de forma considerável, instigando por uma busca de completude com mais ênfase do que nunca.

## **5 Considerações finais**

Ao nos depararmos com um texto literário, somos interpelados pelas palavras e convidados a adentrar na história, às vezes como ouvintes e outras como personagens. Essa escolha não é feita pelo autor ou pelo livro, mas sim pelo próprio leitor e pelo vínculo que é criado entre ele e as situações narradas.

A leitura não é uma escolha e muito menos uma imposição, sendo parte de um processo de aclaramento de ideias que é feito quase que inconscientemente. É o modo como explicamos nossos gostos de leitura, por exemplo: não há uma razão clara que seja capaz de explicar. Nesse sentido, podemos concordar com Daniel Link (2002) ao dizer que a leitura é relação.

As crônicas de Luis Fernando Verissimo, para mim, são parte desse convite à leitura, pois sempre que me deparo com uma delas fico sedenta por desvendar mais, além de me sentir motivada a procurar por respostas quanto ao uso da linguagem e ter reação semelhante à dos personagens nos momentos de revelação e profundidade. Essa ligação só foi possível porque a crônica deixou pistas a serem desvendadas e eu estava aberta para uma leitura delas.

De modo mais geral, podemos perceber que a vida é constituída por leituras, não somente a leitura de textos literários e não-literários, mas a leitura num sentido mais amplo: a leitura do outro e de suas intenções. Se pararmos para pensar, esse é o principal motivador de toda interação e o “prêmio” que recebemos ao tornarmo-nos claros e clarificarmos o que o outro diz.

As crônicas de Luis Fernando Verissimo são um exemplo claro de textos motivadores que transmitem ao leitor a vontade de ler a própria vida. Por tratarem de temas simples e ao mesmo tempo polêmicos, provocando uma sensação de humor que “ameniza” a seriedade do problema que é tratado, estes textos são extremamente significativos não somente pelo que expressam, como também pela forma com que expressam esses problemas. Motivando a interpretação, as crônicas do autor nos transportam para outra dimensão do literário, lendo e relendo objetos do cotidiano de diversas formas, uma mais criativa que a outra.

Esperamos que este estudo incentive as leituras de autores como Verissimo, capazes de reservar um espaço em suas obras para um leitor que atua como coautor, completando as lacunas do texto com sua imaginação e capacidade interpretativa.

## REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR. DAVI. Enigma e comentário. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BENJAMIM, Walter. Walter Benjamin -- Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CANDIDO, Antonio. "A vida ao rés-do-chão". In: Para gostar de ler: crônicas. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003.

DOMENECK, Ricardo. Conversa entre duas estranhas. Disponível em: <<http://ricardo-domeneck.blogspot.com.br/2010/12/sensacao-de-ser-transcontextualizado-ou.html>>. Acesso em 06 nov. 2017.

LINK, Daniel. Como se lê e outras intervenções críticas. Chapecó: Argos, 2002.

PRIGOL, Valdir. Como encontrar-se e outras experiências através da leitura de textos literários. Chapecó: Argos, 2010.

\_\_\_\_\_. João Cezar de Castro Rocha. Por uma esquizofrenia produtiva: da prática a teoria. Chapecó: Argos, 2015.

ROCHA, João Cezar de Castro. À roda de Machado de Assis: ficção, crônica e crítica. Chapecó: Argos, 2006.

SAVIOLI, Francisco Platão. FIORIN, José Luiz. Lições de texto: leitura e redação. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

VERISSIMO, Luis Fernando. O melhor das comédias da vida privada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

\_\_\_\_\_. Em algum lugar do paraíso. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

**Resumen:** Este estudio tiene por objetivo proponer un análisis de la crónica *O lixo*, de Luis Fernando Verissimo, desde la imagen de la lectura. Al principio será analizada la crónica *O lixo*, evidenciando la importancia de la lectura en la construcción del sentido del texto. Enseguida serán analizadas otras crónicas del mismo autor y la historicidad de la crónica, llegando a la propuesta de pensar la crónica a partir de esta imagen. Algunos de los autores que serán utilizados para la base teórica son Davi Arrigucci Junior (1987), Walter Benjamin (1987), Antonio Candido (2003), Daniel Link (2002) y João Cezar de Castro Rocha (2006, 2015). Este recorrido se propone a verificar la importancia de la lectura en las crónicas de Luis Fernando Verissimo y consecuentemente de la propia crónica, pensándola por medio de esta imagen.

**PALABRAS-CLAVE:** Verissimo. Lectura. Crónica. Historicidad. Interpretación.